

## Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

*Why we wait [notes on teaching,  
obsolescence and the virus]*

**Cristiano Bedin da Costa**  
Professor da Faculdade  
de Educação da  
Universidade Federal  
do Rio Grande do  
Sul (FACED/UFRGS),  
Departamento de Ensino  
e Currículo. Doutor em  
educação pela UFRGS,  
cristianobc@ufrgs.br

**Resumo:** [RESENHA DE LIVRO] Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores). 1.ed. – Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/210654>

**Palavras-chave:** Esperar; Docência; Vírus.

**Abstract:** [BOOK REVIEW] *Why we hope [notes on teaching, obsolescence and the virus]* / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizers). 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020. Available at: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/210654>.

**Keywords:** *Waiting; Teaching; Virus.*

*You've gotta just keep on pushing  
Push the sky away.*  
Nick Cave & The Bad Seeds

As 21 notas presentes em *Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]* têm uma particularidade: não foram produzidas por professores/as e pesquisadores/as em situação de trabalho, mas durante o período inicial de isolamento social relativo ao novo coronavírus. Mais exatamente, trata-se de textos cujo convite, preparo e entrega ocorreram entre os meses de abril, maio e junho de 2020, dias em que as escolas e as universidades nas quais deveriam estar atuando os/as autores/

as permaneciam fechadas e com todas atividades de ensino suspensas; desse modo, a sua unidade, pelo menos a sua unidade iniciática, não está em algum tema, saber ou objeto de estudo, tampouco na prática daqueles/as que assinam as produções. O que as notas reúnem é um entretanto comum, no qual as 46 vezes que por elas ecoam compartilham o mesmo estado de espera. É desde o interior desse *encantamento* – a espera é um feitiço que nos ordena a permanecer parados, tal como sugere Roland Barthes (2003), em passagem que serve de epígrafe e argumento da publicação – que emanam as palavras, os sons e as imagens que compõem as 100 páginas do e-book. A presente resenha diz respeito a essa própria espera, na medida em que ela nos permite inventariar alguns traços comuns àqueles e àquelas que vivem a docência e a pesquisa como práticas vitais, isto é, um gesto diário, costumeiro, e até mesmo (por que não dizê-lo?) um tanto chão. É desse solo que brotam as proposições aqui apresentadas. Breves, elas dizem respeito à poética, ao método, ao texto, ao tempo, ao espaço, ao viver-junto .

1. Disponibilizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), *Porque esperamos* é a primeira publicação das edições autonomas, braço editorial do grupo de pesquisa Zona de Investigações Poéticas (ZIP). O arranjo pretende dar luz ao entendimento do grupo a respeito de seu próprio modo de existência: diferentes estilos de escrita, diferentes formas de trabalhar a partir de um problema comum, diferentes estratégias de produção de sentido. Circulando pelas notas, como uma espécie de subtexto, lemos a ideia – colhida em Paul Valéry (2003) – de que a ação que faz pode valer tanto ou mais que a

coisa feita. É por meio de tal perspectiva que a criação deve aqui ser entendida. Porque a dimensão poética das notas reside precisamente no gesto coletivo que as aproxima, ou seja, o poético está presente na fantasia de organização da obra (e nos convites que da fantasia se seguem), assim como é parte dos aceites proferidos (com as produções a eles vinculadas) e do arranjo final que dispõe as partes em ordem ao articular o texto. Diferentes sonos em diferentes camas para um mesmo sonho. Questão de partilha, de proximidades instauradas em um tempo de isolamento e separações. A leitura, então, não deve se esgotar naquilo que as notas dizem. Ela precisa ocupar os espaços de transição, habitar as passagens entre uma entrada e outra, escrever seu próprio entre-lugar. Porque em cada nota reside uma distância, o que também nos obriga a tomá-las exatamente como são: claras, simples, transparentes. Nenhum mistério, nenhum sentido oculto, nada a ser decifrado. Lemos a verdade dos dias (de um certo número de dias, desses dias ao mesmo tempo solitários, lentos e comuns). Daí a nitidez dessas produções, todas tão irrefutáveis, simples e evidentes quanto estar só quer dizer.

2. Apresentadas na ordem em que foram enviadas à publicação, as notas não deixam de evidenciar diferentes estados de espírito em distintos momentos de isolamento social. No entanto, cada uma mantém intacta certa ideia de *urgência*. Quer dizer, traçar uma superfície de contato, encontrar um meio. Desde a capa (uma apropriação de Two, de Ryuichi Sakamoto e Alva Noto (Figura 1)) até a página



Figura 1. Capa do e-book: *Porque esperamos* [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] Fonte: Download gratuito em: <http://hdl.handle.net/10183/210654>

final (com as duas taças de cristal retratadas lado a lado, sobre um piso de concreto), tudo parece funcionar como um convite ao encontro (traçar um longo fio de tinta, tal como sugere a nota – quase derradeira, hoje tristemente sabemos – assinada por Sandra Mara Corazza). Em sua totalidade, o conjunto apresenta-se como uma montagem de palavras, sons e imagens, na qual hiperligações levam tanto para referências externas quanto para vídeos produzidos pelos autores e autoras. E há também as zonas de passagem entre as notas, textos-ecos constituídos por efeitos de leitura, tal como resíduos que se desprendem do escrito anterior e se voltam para o que está por vir. Em *Porque esperamos*, não há vagas. A montagem, enquanto método, faz com que tudo possa ser encarado e vivido como texto. Estilo de diagramação, espaços em branco, disposição dos caracteres nas páginas: aqui e ali, há convite ao jogo, há cena, algo a ser *praticado*.

3. Entender as notas como textos – aceitemos o léxico barthesiano, por meio do qual a *operação textual* caracteriza uma assimilação crítica e transcriadora do saber, quando é feita matéria de escrita – permite que possamos circular pelo conjunto tendo como guia seus *efeitos*, e não seus supostos significados. Tais efeitos estão fundamentalmente vinculados aos diferentes modos como o isolamento pandêmico é minado em sua potência operacional, isto é, dizem respeito ao modo como a espera, em cada uma das notas, se transmuta em palavra, som, fotografia, desenho, vídeo. Há, sem dúvida, uma pedagogia da espera, mas tal pedagogia não está

vinculada ao ensino de determinada maneira de habitar e perceber seus cenários. Ao contrário, trata-se de uma percepção liberada por certa suspensão temporal e de seus efeitos de sentido no espaço. Afetivos, tais efeitos são sempre singulares, visto que dizem respeito ao corpo, suas velocidades e lentidões. Nenhuma vontade de ensinar algo, portanto. Nenhum desejo de dizer o que e como fazer. O que vemos, assistimos e ouvimos são espécies de testemunhos, prestados a partir de vivências bastante diversas: uma noite silenciosa ou uma série de postagens em rede social, um sonho, uma leitura, a paternidade e a maternidade, um podcast sobre filosofia, um desabafo, um medo irremediável, um grupo de estudos virtual... A qualidade textual dessas notas está vinculada à sua condição humana, já que não pretendem legitimar nenhum saber institucional, e sim o uso um tanto íntimo e gratuito que os autores e autoras fazem dos signos que movimentam em suas produções. É tudo o que nós, leitores, recebemos em mãos: algo do cotidiano, nuances de vida, alguns recortes operacionais, modos de resistir: num pensar que desliza em silêncio, numa quietude feliz, no abandono exposto, num filtro dos sonhos, numa queda, na gata que sorri, numa nuvem (a senha é amor).

4. Apartada de sua rotina, sem seus costumes e vícios institucionais, a docência é uma coisa quase qualquer. Longe da realidade da aula, espaço-tempo por excelência que a permite traçar a singularidade de seu fazer, a docência existe menos, torna-se mínima, perde a forma. A noção de obsolescência (sugerida à publicação pela obra de William

Kentridge), está longe de indicar, no entanto, um final ou abandono definitivo. Encarada como princípio poético, ela quer funcionar como uma imagem de pensamento que fundamenta um estilo de pesquisa, marcado pela recusa a acompanhar o tom dominante de determinado contexto histórico. Há lamento, obviamente, mas não há ideia de falta. Há esboços, esforços prospectivos, fantasias de percursos outros. Há tanto despedidas quanto há curiosidade, há persistência do antigo e também abertura ao que se anuncia, ainda de forma sombria, no horizonte. Sobretudo, há um tipo bastante especial de obsolescência praticada, o exercício próprio de vozes que sabem estar habitando uma passagem (tal qual uma vida que, pacientemente, põe-se a velar a própria história) – e é precisamente nesse ponto, nesse gesto, nesse uso poético do tempo do vírus, que a docência, mesmo sem querer, reencontra sua potência: e então, enquanto esperamos, aprendemos que o silêncio, que a retirada e o *deixar-se ir*, podem funcionar como artifícios de criação.

5. Fazer ateliês de lares distantes, e de seu conjunto um espaço textual. Fazer do texto uma zona de contato, tráfego e poligrafia. Investigar o agora no qual se escreve, o agora em que se toca, o aqui e agora de onde se diz. Propor entradas, passagens, cruzamentos, saídas. Um esforço político. Se é verdade que as palavras existem porque existe a espera (*o antes de*) e o efeito (*o depois de*), é necessário aceitar – eis algo que extraio das notas sobre as ligações, propostas por Gonçalo Tavares (2012) – *que o durante* é um tempo sempre mudo e, por isso,

aterrorizante (o tempo pandêmico: o tempo da urgência do ínfimo movimento e da paciência do discurso). Dentro de casa, o corpo é uma máquina curta que não chega a produzir senão a sua própria imagem. Na janela, o solitário imagina. Frente ao espelho, o vaidoso faz gestos. Diante da tela, é impossível não temer o pior. Em meio ao texto, recorta-se, seleciona-se. A criação é fruto do medo de que a memória do presente ocupe por completo o pensamento. Não querer ser capturado pelo presente: fazer força, ler, traçar, lançar. A crença: se toco no vestígio, algo, afastado de mim, será tocado, se sentirá tocado, interrompido em seu percurso. Ou, ao contrário, a dúvida: se agarro o vestígio, aquilo que lhe deu origem aumentará, algures, a sua velocidade? O relevante, o pressentimento, o esboço de aprendizagem: interferir nos vestígios é intervir naquilo que lhes deu origem. Um vestígio (algo como uma nota assinada) é uma coisa que toca, e não apenas uma coisa tocável. É isso o que advém desses textos. Seu espaço de atuação *comum*. Um espaço a ser apropriado, deslocado, disseminado.

6. Chegará o dia em que poderemos, talvez, nos posicionar diante dessas notas com o estranhamento inerente à distância. Por ora, elas ainda soam próximas demais, mesmo que, sem dúvida alguma, componham o arquivo de um tempo passado. A urgência que as alimenta é também o efeito de certa ingenuidade, qualidade de quem produz tateando uma realidade nova, de extensão e nuances ainda desconhecidas. Hoje, no Brasil, os números indicam mais de 265 mil mortes em

consequência da COVID-19. A contagem avança, os casos aumentam, agora em ritmo crescente. Passado um ano desde o início da pandemia, já não há ingenuidade alguma. O ensino e as demais atividades universitárias em modo remoto acontecem em um contexto marcado por sucessivos erros e reais atrocidades cometidas pelas diferentes esferas governamentais. Não mais esperamos, tampouco fabulamos algum por vir: o que há, o que fizemos deste tempo, é o que aqui está, o espaço no qual temos realizado nossa prática, dia após dia, fora da linha de frente. Tracemos outras linhas. Tracemos as nossas, nossos limites, nossa zona de jogo e criação. Sigamos fazendo. Pela pesquisa, pela aula, pelo texto. Porque já não somos mais aqueles e aquelas que lá estavam e esperavam, e no entanto, foi lá, naqueles dias e naquelas noites, que tivemos tempo para aprender e arranjar o que essas notas ainda dizem: em educação, assim como na vida, o primeiro trabalho, o esforço básico, é o trabalho de criar um modo de viver-junto.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**, 1972-1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

TAVARES, Gonçalo. **Breves notas sobre ciência**; breves notas sobre o medo; breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano). Lisboa: Relógio D'Água, 2012.

VALÉRY, Paul. **Degas dança desenho**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.